

Um exame da plausibilidade da recepção deleuziana da noção de vontade de potência em Nietzsche.

An examination of the plausibility of the Deleuzian reception of the notion of will to power in Nietzsche.

JORGE WAQUIM NETO¹

Resumo: O presente artigo procura revisitar a recepção, tão fustigada e considerada como errônea, realizada pelo filósofo francês, Gilles Deleuze, da filosofia nietzschiana. Aqui, interessa-nos a noção basilar de 'vontade de potência' nietzschiana. Assim, buscamos o *Nietzsche* deleuziano, procurando nele o que há de fidedignidade ou de torção. Uma hipótese é aqui colocada à prova: a interpretação de Deleuze seria plausível. Nessa análise, seguimos passo a passo a argumentação deleuziana, levando em consideração a maneira pela qual o filósofo francês enxerga a criação de conceitos filosóficos.

Palavras-chave: Nietzsche; Deleuze; vontade de potência

Abstract:

This article revisits the much-criticised and often deemed erroneous reception of Nietzschean philosophy by the French philosopher Gilles Deleuze. Our focus lies on the foundational notion of Nietzsche's *will to power*. We thus examine the Deleuzian Nietzsche, probing its fidelity or potential distortions. A hypothesis is put to the test: Deleuze's interpretation may hold plausibility. In this analysis, we trace the Deleuzian argument step by step, considering the French philosopher's approach to the creation of philosophical concepts.

Keywords: Nietzsche; Deleuze; will to power

Introdução

Deleuze protagonizou uma recepção bastante influente e, hoje, controversa da obra de Nietzsche, a partir da publicação do seu livro *Nietzsche e a filosofia*, em 1962. Neste artigo, vamos colocar à prova a interpretação de Deleuze relativa à 'vontade de potência' em Nietzsche, que pode ser lida como uma 'teoria das forças'. Em tal interpretação, Deleuze considera que, na teoria nietzschiana das forças, estas se apresentariam como dois tipos – ativas e reativas – classificação que tem sido objeto de constantes críticas advindas da comunidade que estuda Nietzsche, para a qual as forças são todas do mesmo tipo: sempre ativas.

¹ Mestre em Linguística, Paris III, Graduado em Filosofia, Paris X, Mestre em Filosofia, UFPE, <http://lattes.cnpq.br/5813377737770690e> E-mail: Jorge.Waquim@ufpe.br

Vamos procurar demonstrar que, em Deleuze, as forças podem ser vistas como ativas e reativas, mas que a palavra-chave que explica essa classificação é, em primeiro lugar, contexto, ou seja, o contexto em que se trava o embate entre as forças. Em segundo lugar, tal classificação precisa ser entendida a partir da diferença entre as forças. São esses os dois aspectos que serão considerados no presente texto, e, para tal, faremos uma série de considerações sobre eles, trazendo-os para a abordagem da recepção deleuziana dessa noção de forças em Nietzsche. A partir da consideração do contexto em que se dá o embate entre as forças e da necessária diferença de *quantum* entre elas, a interpretação deleuziana poderia se revelar plausível. É esta a hipótese de que trata este artigo.

1 Gilles Deleuze, o filósofo.

Em primeiro lugar, pensamos ser necessário situar o filósofo Deleuze e seus métodos. Este artigo considera que Deleuze não é apenas um mero historiador da filosofia quando escreve sobre outros filósofos. Então, entendemos que, para ele, seria necessário revisitar a filosofia, mas com um olho perscrutador, observando como o filósofo constrói conceitos com vistas a responder a problemas específicos. Um conceito filosófico não é construído do nada, ele atende a problemas tais como o ser, a justiça, o belo, o bem. Seguindo esse raciocínio, o conceito não é abstrato, mas real (Deleuze; Guattari, 1992, p. 34). Na leitura de uma filosofia, portanto, é preciso ter em mente não apenas o(s) conceito(s) que ela desenvolve, mas o problema que ela procura responder. É por esse viés interpretativo, acreditamos, que se deve ler o Nietzsche reconstruído pelo filósofo Gilles Deleuze.

1.1 O conceito filosófico enquanto resposta a um problema.

O filósofo francês já tinha essa compreensão da filosofia, da maneira que a descrevemos acima, bem antes (1953) de abordar a filosofia nietzschiana, quando escreveu sobre David Hume, em *Empirisme et subjectivité* (*Empirismo e*

subjetividade). Nesse texto, ele afirma que as objeções a uma “teoria filosófica” precisam considerar

a natureza do problema ao qual ela [a teoria] responde, no qual ela encontra seu fundamento e sua estrutura [...] ela [a teoria] consiste não em resolver um problema, mas em desenvolver até o fim as implicações necessárias de uma pergunta formulada. Ela nos mostra o que as coisas são, o que é necessário que as coisas sejam, a supor que a pergunta seja boa e rigorosa (DELEUZE, 1980 (1953), pp. 118-119)²

No excerto acima, Deleuze propugna qual é a sua ideia do papel da filosofia e como esta aborda problemas e soluções. Os verbos utilizados são “responder” a um problema e “resolver” um problema. Os dois verbos, muito embora tenham campos semânticos vizinhos, no entanto, “responder” seria tratar um problema e “resolver” seria dar uma solução final a ele, o que a “teoria filosófica” (ou conceito) não faz. Esta apenas propicia uma resposta a um problema dado, desenvolvendo todas as suas consequências. Essa perspectiva da filosofia, Deleuze parece nunca ter abandonado, e acreditamos que foi com esses olhos que enxergou o corpo filosófico nietzschiano.

45

1.2 A maquinaria presente no conceito filosófico.

Essa ideia está também em uma resposta quando de uma entrevista feita a ele em 1968, onde declara, a respeito de Kant, mas generalizando para autores importantes da filosofia:

É preciso descobrir os problemas que ele [Kant] estabelece, sua própria maquinária [...] é preciso remontar aos problemas postos por um autor genial, até o que ele não diz *no* que ele diz, para

² « la nature du problème auquel elle répond, dans lequel elle trouve son fondement et sa structure [...] Elle consiste, non pas à résoudre un problème, mais à développer jusqu'au bout les implications nécessaires d'une question formulée. Elle nous montre ce que les choses sont, ce qu'il faut bien que les choses soient, à supposer que la question soit bonne et rigoureuse » (trad. nossa).

tirar dele algo que sempre lhe devemos, para não se voltar contra ele ao mesmo tempo (DELEUZE, 2002, p. 189) ³

A “maquinária”, no excerto acima, é dita no sentido de assinalar que um conceito é pensado com o objetivo de resolver um problema específico e não se constitui enquanto ideia lançada ao vento. Entender a “maquinária” seria realizar uma espécie de “engenharia reversa”, onde o mecanismo proposto seria aberto com o intuito de se enxergar como as partes se integram e como o sentido que emerge da máquina é engendrado. É a partir dessa perspectiva que lemos o livro *Nietzsche et la philosophie* e procuramos entender o Nietzsche deleuziano: desvendar a ‘engenharia reversa’ do mecanismo proposto pelo autor francês: procuramos entender como Deleuze desmonta a máquina nietzschiana, analisa cada peça e aponta como ela funciona. O que geralmente se refuta na interpretação deleuziana da obra de Nietzsche é que as peças teriam sido fraudadas. Vamos examinar, ao longo deste texto, a nossa hipótese de que nenhuma peça terá sido remanejada, fraudada ou substituída.

46

1.3 Um conceito filosófico faz parte de uma *trama* de conceitos.

Em um livro bem posterior, de 1991, *Qu'est-ce la philosophie (O que é a filosofia)*, em parceria circunstancial com Félix Guattari, Deleuze não é diferente dos anos anteriores. Nessa obra, ele define que a atividade da filosofia é a criação de conceitos, e que os conceitos filosóficos, longe de serem meras abstrações, respondem a problemas específicos e que, por isso, não são criados do nada (Deleuze; Guattari, 1992, p. 31). Na criação de conceitos, um filósofo dispõe de outros conceitos de autores que o antecederam. No entanto, para Deleuze, os conceitos filosóficos não são entidades fechadas em si mesmas nem blocos

³ « Il faut retrouver les problèmes qu'il pose, sa machinerie à lui [...] il faut remonter jusqu'aux problèmes que pose un auteur de génie, jusqu'à ce qu'il ne dit pas *dans* ce qu'il dit, pour en tirer quelque chose qu'on lui doit toujours, quitte à se retourner contre lui en même temps » (trad. nossa; *itálicos* do autor).

indivisíveis. Muito pelo contrário, os conceitos, para o autor francês, se repartem em fragmentos – componentes, em sua terminologia – que são por sua vez também conceitos: é uma multiplicidade e um todo fragmentário (Deleuze; Guattari, 1992, p. 27). Assim, um filósofo constrói seu próprio pensamento a partir de questões e soluções propostas por outros, participando de uma trama composta por conceitos diversos de múltiplos autores ao longo da história, ou melhor, da “geografia” da filosofia: os conceitos são construídos a partir de planos de imanência, que são pré-filosóficos e intuitivos, e estabelecem caminhos dentro desse plano. Os planos estabelecidos pelos diversos filósofos são interligados pelos componentes dos conceitos que compartilham. A respeito dos conceitos e para os nossos propósitos seria relevante destacar que: “Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 30)

Essa concepção dos conceitos enquanto partícipes dinâmicos de uma trama será de suma importância para a nossa releitura da recepção deleuziana da noção de forças em Nietzsche.

47

1.4 A recepção deleuziana pensada a partir da sua concepção de conceitos.

Analisar a recepção que Deleuze faz de um filósofo deve levar em consideração essas ideias a respeito dos conceitos. Em nosso trabalho de análise, vamos nos balizar nessa maneira deleuziana de enxergar a filosofia e como ela terá influenciado a recepção que ele fez da obra nietzschiana. Na abordagem que segue, é possível imaginar que o autor francês teria realizado modificações nas noções nietzschianas de forma a serem adaptadas ao seu próprio pensamento. No entanto, perseguiremos e testaremos a hipótese de que Deleuze teria achado no próprio Nietzsche a interpretação que ele realizou. Não seria, assim, uma modificação nas noções/conceitos nietzschianos. Seria, antes, uma compreensão do que está de certa forma explícito no pensamento do filósofo alemão.

A interpretação deleuziana, como foi dito, proporciona completude à filosofia nietzschiana a partir do que está dito em textos legítimos do autor alemão. Assim, nossa hipótese é de que tal interpretação seria plausível – por se sustentar em textos do próprio Nietzsche –, válida – por não ter feito asserções estranhas a esses textos – e atual – por lançar luzes à interpretação corrente das noções nietzschianas.

2. A teoria das forças/vontade de potência em Nietzsche

Antes de abordar a recepção que Deleuze realiza dessa noção nietzschiana, será necessário seguir os passos do próprio filósofo alemão ao criá-la. A noção de *vontade de potência*, *Wille zur Macht* em sua expressão em alemão, é fundamental na obra de Nietzsche. Para muitos intérpretes, ela anuncia uma cosmologia. O Universo existiria enquanto resultante – sempre provisória – de um embate de forças elementares que agem constantemente e sem objetivo específico, sem *télos*. A noção de *vontade de potência* estabelece, de acordo com essa perspectiva cosmológica, um princípio sob o qual se assenta tudo o que existe no Universo. Um dos pilares dessa noção é que “vontade” só age sobre “vontade” e nunca sobre matéria. A noção, de tão basilar, faz com que todo o resto da filosofia madura nietzschiana a tenha sempre em perspectiva. Caracterizando essa noção, Nietzsche diz:

Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo ou rendimentos, cercada de nada como de seu limite [...] força por toda parte, como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando, um mar de forças [...] eternamente mudando, eternamente recorrentes (NIETZSCHE, 1983, p. 397, KSA II.610)

Esse é um *Fragmento póstumo* em que Nietzsche propugna sua ideia de uma grande força, que não aumenta nem diminui. No entanto, ele parece admitir

que a força: 1) pode ser considerada enquanto partes, “ao mesmo tempo um e múltiplo”, no “jogo de forças”, no “mar de forças”; e 2) essas partes se combinam e se recombinaem, “acumulando-se” em um determinado lugar do Universo e “minguando” em outro. Então, para os nossos propósitos de análise, iremos guardar essas duas ideias constantes no *Fragmento póstumo* acima, a individuação das forças e às suas combinações, que vamos tratar por “resultantes”⁴.

A princípio, o filósofo alemão pensava nessa noção ligada apenas à vontade orgânica, pois, ele entendia que “vida [de todo ser vivo e não apenas a humana] e vontade de potência se identificam” (MARTON, 2000, p. 42.) Ou seja, a vida, e até mesmo suas mais íntimas e pequenas partes, tais como as células e os componentes das células, bem como a vida microscópica, seriam manifestações dessa *vontade de potência*.

No entanto, aos poucos, o filósofo alemão foi entendendo que essa noção deveria ser aplicada a tudo o que há no mundo, sem fazer diferença entre o orgânico e o inorgânico. É a partir da fase madura do seu pensamento que Nietzsche passa a entender que “entre o orgânico e o inorgânico não existe traço distintivo fundamental” (MARTON, 2000, p. 66.). Em um *Fragmento póstumo*, Nietzsche comenta que “o *dever* só se pode pensar como um trânsito do estado ‘morto’ que dura a outro estado ‘morto’ que dura [...] o vivente [é] um caso especial do morto” (NIETZSCHE, 2007, 11 [150] primavera – outono de 1881, KSA 9.499, *itálicos e aspas do autor*).

Nietzsche, no livro dessa terceira fase, *Além de bem e mal*, desenvolve a ideia de que orgânico e inorgânico fazem parte da mesma efetividade da *vontade de potência*, quando postula a respeito dessa noção. Ele o faz a partir de uma série de suposições. O seu ponto de partida são os impulsos que ele pensa existir em cada ser humano, ou seja, os afetos que movem cada pessoa, traduzidos em desejos e

⁴ Vamos voltar a esse termo um pouco mais abaixo, quando tratarmos da noção de vetores.

paixões. Diz Nietzsche no livro citado: “*Supondo* que nada seja ‘*dado*’ como real, exceto nosso mundo de desejos e paixões” (NIETZSCHE, 1992, §36, *itálicos* nossos, *aspas* do autor), ou seja, os nossos impulsos: “pensar é apenas a relação desses impulsos entre si” (NIETZSCHE, 1992, §36). Há de se notar que, na suposição desenvolvida nesse parágrafo, o “real” é pensado a partir dos impulsos e dos afetos. É também de se observar que Nietzsche parece supor nessa afirmação que há um embate de impulsos em cada ser humano e seria nesse embate onde jaz até mesmo a racionalidade – “pensar”. Nietzsche, em seguida, pergunta se esse raciocínio não poderia ser extrapolado para o mundo material: “não é lícito [...] colocar a questão [...] se isso não bastaria para compreender, *a partir do que lhe é igual*, também o mundo mecânico (ou material)?” (NIETZSCHE, 1992, §36, *itálicos* nossos). Nesse último trecho, colocamos os *itálicos* para chamar a atenção de que dentro dessa segunda suposição, há uma outra: o mundo de desejos e paixões presumido enquanto afetos e o mundo mecânico, ou material, sugerido teriam a mesma constituição, seriam parte da mesma realidade, ou seja, teriam origem no embate de forças elementares, da *vontade de potência*.

E aqui, há de se dizer que esse tal mundo material é pensado a partir da crença na causa e efeito, pois, diz Nietzsche um pouco mais a frente nesse mesmo texto:

se acreditarmos na causalidade da vontade [...] a nossa crença na causalidade mesma [...] *temos* de fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como a única. Vontade, é claro só pode atuar sobre vontade – e não sobre matéria (NIETZSCHE, 1992, §36, *itálicos* do autor).

O filósofo alemão, no entanto, se demarca da posição de Berkeley e de Schopenhauer, no sentido em que, para estes filósofos, tudo não passaria de uma representação (NIETZSCHE, 1992, §36). Sob a óptica de Nietzsche, tudo no mundo teria “a mesma ordem de realidade que têm nossos afetos – como uma forma mais primitiva do mundo dos afetos” (NIETZSCHE, 1992, §36). É a partir da experiência passional, ou seja, dos afetos, que Nietzsche sugere que esse princípio se aplica a todo o Universo, ou seja: *páthos*, impulso e, concluindo, forças. Os

seres humanos seriam, desta maneira, apenas a manifestação das forças agindo no mundo e guardariam com este uma semelhança em sua constituição.

Antes da mencionada terceira fase, Nietzsche, a partir de 1873, se insere no debate da tradição dinamista que vinha desde Leibniz, entrando em “contato com uma grande quantidade de filósofos e físicos propensos ao dinamismo” (NASSER, 2005, p. 167). Essa maior proximidade da tese dinamista ao que acontece na efetividade advém do fato de que “o dinamismo fala em ‘forças’, acenando para um mundo imprevisível no qual reina a ‘total brutalidade’” (NASSER, 2005, p. 166, aspas do autor). O ser humano, de acordo com Nietzsche, é resultado instável e temporário da atuação dessas mesmas forças que o criaram. No entanto, é preciso ponderar que essa “interpretação dinamista do mundo é ainda um *antropomorfismo*, mas com a diferença de que [...] está mais próxima ao texto da realidade (NASSER, 2005, p. 167, itálicos nossos).

Donde se conclui uma estreita dependência das coisas do mundo em relação às forças do mundo – aquelas, resultantes provisórias, sempre instáveis, das combinações e recombinações destas, sugerindo um processo contínuo e eterno. Se é em Leibniz, como se disse acima, que Nietzsche vai encontrar a fonte original desse princípio único do Universo, foi em um físico de seu próprio século, Vogt, “defensor de um dinamismo monista e adversário do dualismo entre força e matéria” (NASSER, 2005, p. 172), onde Nietzsche se inspirou ao buscar a ideia da *vontade de potência*. A partir dessa influência da ideia monista de Vogt, da existência de apenas forças e contrário ao dualismo entre força e matéria, é que Nietzsche postula sobre a atuação de vontade sobre vontade e não sobre matéria.

Nietzsche afirma nessa mesma seção acima mencionada de *Além de bem e mal*: “todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força é justamente força de vontade, efeito da vontade” (NIETZSCHE, 1992, §36). O que parecem ser duas noções, a saber, *força* e *vontade de potência*, para Nietzsche se resume, no entanto, em uma só, e desta vez, ele sugere um programa de pesquisa que pudesse demonstrar sua tese:

supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder [potência] [...] então se obteria o direito de definir *toda* força atuante como *vontade de poder* [potência] (NIETZSCHE, 1992, §36)

O que Nietzsche afirma nesse último trecho e toda essa discussão que desenvolvemos acima a respeito da *vontade de potência* dão mostras da centralidade dessa noção na filosofia nietzschiana.

2.1 O *quantum* das forças em Nietzsche

Um tema que nos será fundamental ao longo deste texto é a noção de *quantum* de *vontade de potência* em Nietzsche, sobretudo quando tratarmos da interpretação deleuziana das forças. Será necessário para nossos propósitos tratar da ideia de *quantum* trazida por Nietzsche.

Antes disso, vamos proceder aqui a uma rápida digressão a respeito da ideia de *quantum* na física, que deu origem à mecânica quântica, a partir das pesquisas de Max Planck, em 1900. Esse físico alemão estava tentando explicar um problema do século XIX, qual seja, o da chamada “radiação do corpo negro” (BAGGOTT, 2011, p. 7), e cujas pesquisas deram origem ao moderno conceito de *quantum*” (BAGGOTT, 2011, p.15), que representa um valor mínimo de energia absorvida ou liberada em múltiplos inteiros (BAGGOTT, 2011, p.15). Essa é, pois, uma concepção posterior aos escritos de Nietzsche, que propôs algo que parece não estar muito longe dessa ideia que dominou o campo da física no século seguinte e no nosso. No entanto, o filósofo alemão define à sua maneira essa ideia de *quantum*, e é a partir dela que iremos discorrer sobre a noção de *forças/vontade de potência*.

2.1 Quantum enquanto algo elementar

Para o início dessa abordagem, destacamos que Nietzsche define o *quantum* quando disserta sobre a *vontade de potência*, em um *Fragmento póstumo*, enquanto parte da “ordem mecânica” do mundo: “Por isso chamo um *quantum* de

‘vontade de potência’ [...] com o qual se expressa o caráter que não pode ser suprimido da ordem mecânica sem que se suprima a própria ordem” (NIETZSCHE, 2007, 14 [79] primavera de 1888, KSA 13.257, itálicos do autor). Continuando nesse mesmo *Fragmento póstumo*, Nietzsche também caracteriza o *quantum* da seguinte forma: “Um *quantum* de potência [*Machtquantum*, no original em alemão] se define pelo efeito que produz e o efeito ao que resiste [...] é essencialmente uma vontade de violação e de se defender das violações” (NIETZSCHE, 2007, 14 [79] primavera de 1888, KSA 13.257, itálicos do autor).

Ele parece, nesse *Fragmento póstumo*, estar mencionando a força “primitiva” e não as resultantes do embate de tais forças – as combinações e recombinações tratadas acima. Pode-se depreender, quando diz “um *quantum* de potência”, que ele está isolando esse *quantum* enquanto algo elementar e que o *quantum* de potência é uma espécie de elemento fundamental da “ordem mecânica”. Argumentamos que, se Nietzsche estivesse tratando da(s) resultante(s) dos *quanta* das forças, então tais resultantes poderiam ser suprimidas (pela reorganização em outras resultantes) sem que a ordem mecânica fosse suprimida. Isso porque nas combinações e recombinações das forças (“acumulando-se e mingando”, como mencionado no *Fragmento póstumo* de nov. 1887 – março 1888 (11 [71], KSA 13.34) acima, as resultantes desaparecem no embate das forças e podem ser suprimidas da ordem mecânica, enquanto um *quantum* de potência faz parte da própria constituição do mundo.

No entanto, nesse mesmo último *Fragmento*, Nietzsche desconfia da existência de unidades: “Necessitamos de unidades para poder calcular, mas não por isso há que se admitir que tais unidades existam, o conceito de unidade tomamos emprestado de nosso conceito de ‘eu’, nosso mais antigo artigo de fé” (NIETZSCHE, 2007, 14 [79] primavera de 1888, KSA 13.257, itálicos do autor).

É preciso salientar que a crítica nietzschiana incide sobre a ilusão de unidade, cujo substrato são as múltiplas forças que constituem tudo no Universo. A essa crítica, ele ajunta a crítica à unidade do ‘eu’, do sujeito que se diz indivisível. Por enquanto, podemos dizer que Nietzsche utiliza a ideia de

quantum para explicar o todo a partir de unidades de força que, em última instância, não estão separadas, pois as forças do Universo compõem o todo.

2.2 A gradação das forças

Outro ponto nos será importante, quando Nietzsche parece entender que o *quantum* com o qual ele caracteriza a *vontade de potência* possui uma “gradação”:

A decisão sobre o que deve suscitar desprazer e prazer depende do grau de potência: isso mesmo que com respeito a um *quantum* de potência menor [*geringes Quantum Macht*, no original em alemão] aparece como perigo e urgente exigência de defesa imediata (NIETZSCHE, 2007, II [71] nov. 1887 – março 1888, KSA 13.34, *itálicos do autor*).

Duas argumentações são possíveis a respeito desse último *Fragmento póstumo*: a primeira é que o filósofo alemão estaria comentando a respeito das próprias forças primitivas que, unindo-se em relação belicosa, engendram objetos e fenômenos; a segunda argumentação é que a utilização da palavra *quantum* teria, então, de ser considerada como possuindo um outro significado, qual seja, a resultante das forças criadoras. Adotando-se essa segunda argumentação implica aceitar que Nietzsche não utiliza a palavra *quantum* com precisão, pois ela poderia descrever mais de um fenômeno. Explicamos: ele parece estar dedicando o termo “*quantum* de potência” nos trechos mais acima (KSA 13.257) – “*Machtquantum*” – e neste último (KSA 13.34) – “*Quantum Macht*” – a algo mais elementar. A tradução em espanhol, com a qual cotejamos o texto KSA em alemão, traduz os termos dos dois trechos por “*quantum* de poder (potência)”, considerando-os como tendo o mesmo sentido. A partir dessa semelhança dos dois termos no texto original, parece ser justo adotarmos o mesmo raciocínio para os dois *Fragmentos póstumos*. Ou seja, em ambos os trechos, Nietzsche estaria tratando de um elemento fundamental em sua teoria: o *quantum* de potência, algo mais elementar e primitivo, e não das resultantes dos embates dessas forças elementares. Então, a partir do raciocínio acima, concluímos que, quando Nietzsche utiliza o termo *quantum*, estaria empregando-o no sentido de

força primitiva. Guardemos esta última conclusão, pois ela nos será importante quando abordarmos o mesmo tema em Deleuze.

A partir de todas as considerações acima, sublinhamos, mais uma vez, a centralidade da noção de *vontade de potência* em Nietzsche. Veremos, em seguida, como Deleuze a recepcionou.

3. Deleuze: a filosofia da vontade e a trama das forças

Tomando as ideias que apresentamos acima a respeito da *teoria das forças/vontade de potência* em Nietzsche, passamos em revista a interpretação dessa noção que Deleuze fez em seu controverso livro *Nietzsche e a filosofia*. A ideia de Deleuze é de que haveria diferença nas forças a partir dessa noção, que poderia ser deduzida a partir do próprio Nietzsche. É essa a ideia que iremos explorar na abordagem que segue.

Deleuze tece considerações sobre o que ele chama de “Filosofia da vontade” (DELEUZE, 2005 (1962), p. 7) nietzschiana, título do terceiro ponto do capítulo do *Trágico* de seu livro. Aqui, a partir de algumas considerações sobre a *vontade de potência*, ele instaura, em sua leitura de Nietzsche, diferenças entre as forças. Ele afirma que “a vontade (vontade de potência) é o elemento diferencial da força” (DELEUZE, 2005 (1962), p. 7) ⁵ e estabelece alguns postulados a partir da leitura que faz de Nietzsche.

55

3.1 Postulados deleuzianos para tratar as forças em Nietzsche

O primeiro desses postulados é que o objeto é a expressão de uma força (Deleuze, 2005 (1962), p. 7)⁶. Um segundo postulado é que “toda força existe em

⁵ « La volonté (volonté de puissance) est l'élément différentiel de la force » (trad. nossa).

⁶ « l'objet lui-même est force, l'expression d'une force » (trad. nossa).

relação essencial com outra força” e, como corolário, “o ser da força é plural”⁷. O mundo assim constituído por Deleuze leitor de Nietzsche é uma trama, uma rede, de forças que se relacionam, mas, mais do que isso, e esse é o terceiro postulado adotado pelo filósofo francês: “uma força é dominação, mas também o objeto sobre o qual uma outra força se exerce” (DELEUZE, 2005 (1962), p. 7)⁸. As forças, então, não agiriam sobre objetos, coisas, do mundo, mas sobre outras forças, e os objetos e as coisas seriam, como nos princípios anteriores, resultantes (combinações do acúmulo de forças, como dissemos acima) desse embate de forças. Este último postulado, Deleuze retira da seção §19 de *Além de bem e mal*, onde Nietzsche afirma a pluralidade das resultantes das forças, quando aborda a questão do livre arbítrio. O filósofo alemão afirma nesse texto que o corpo é como “uma estrutura social de muitas almas” e “o que é mais estranho na vontade – nessa coisa tão múltipla, para a qual o povo tem somente uma palavra” (NIETZSCHE, 1992, §19). Um quarto postulado estabelecido por Deleuze é “uma pluralidade de forças agindo e sendo afetadas à distância” (DELEUZE, 2005 (1962), p. 7)⁹. No entanto, ele complementa com algo bastante importante: “a *distância* é o elemento diferencial compreendido em cada força e pela qual cada uma se relaciona a outras” e afirma, logo após, que “esse é o princípio da filosofia da natureza em Nietzsche” (DELEUZE, 2005 (1962), p. 7)¹⁰.

⁷ « toute force est donc dans un rapport essentiel avec une autre force » e « l'être de la force est pluriel » (trad. nossa).

⁸ « une force est domination, mais aussi l'objet sur lequel une domination s'exerce » (trad. nossa).

⁹ « une pluralité de forces agissant et pâtissant à distance » (trad. nossa).

¹⁰ « la *distance* étant l'élément différentiel compris dans chaque force et par lequel chacune se rapporte à d'autres : tel est le principe de la philosophie de la nature chez Nietzsche » (trad. nossa ; itálicos do autor).

3.2 As diferenças nas forças

Qual seria esse elemento diferencial que leva à ideia de diferença entre as forças? Ele já estaria em Nietzsche? Começando a responder a essas perguntas, é preciso dizer que a “diferença” entre as forças não se deixa entrever na teoria nietzschiana a não ser por uma dedução, realizada por Deleuze. O filósofo francês, sugerimos, estaria refletindo a respeito da existência do mundo como tal, se as forças postuladas por Nietzsche fossem todas iguais. É assim que ele detecta o que pensa serem incompletudes epistemológicas de uma concepção de forças anódinas que, sem diferença entre si, nada criariam. Esse seria o “princípio da natureza” mencionado no parágrafo citado da obra de Nietzsche por Deleuze nesse texto. A diferença entre as forças para que estas possam, pelo embate, engendrar o Universo, sugerimos, é o ponto que o filósofo francês destaca para que a teoria das forças ganhe em hígidez e em explicação.

Em *Além de Bem e Mal* (NIETZSCHE, 1992, §3) Nietzsche afirma isso mesmo que foi tratado acima, que tudo se resume a forças: “...definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder [potência]” e “o mundo visto de dentro [...] seria vontade de poder [potência]”. É a tese fundamental de Nietzsche, como ele mesmo explicita nesse parágrafo. Porém, ela precisaria de um pouco mais de esclarecimento teórico, e parece que Deleuze tenta complementar ou definir, à sua própria maneira, a natureza das forças e da *vontade potência*. Esse é o caso do postulado da “atuação à distância” de que trata Deleuze nesse texto para, a partir dele, trazer a ideia de “diferença”.

Quase no fim da seção I.3, “*Philosophie de la volonté*”, de *Nietzsche et la philosophie*, Deleuze faz uma afirmação argumentando que há diferença entre as forças, quando diz que “toda força se relaciona com outra, seja para comandar, seja para obedecer” (Deleuze, 1962, p. 8)¹¹. Em apoio a esta ideia, ele argumenta

¹¹ « toute force se rapporte à une autre, soit pour commander soit pour obéir » (trad. nossa).

que: “a origem é a diferença na origem, e a diferença na origem é a *hierarquia*, ou seja, a relação de uma força dominante com uma força dominada, de uma vontade obedecida e de uma vontade obediente” (DELEUZE, 1962, p. 8) ¹².

Uma questão que surge logo na leitura do trecho acima é a respeito da palavra “origem”. Seria preciso que Deleuze indicasse o que ele quis dizer com “origem”. Seria a origem de tudo, ou seja, o Universo teria uma origem precisa no tempo e na qual as forças tivessem sido estabelecidas cada uma a sua maneira? Ou seria origem no sentido de um momento qualquer na análise das forças que determinam um objeto ou fenômeno? Ou até mesmo origem no modo de ser de cada força? Responder a essas perguntas seria também definir o que seria “hierarquia”.

Essa ideia de origem e de hierarquia entre as forças, sugerimos, pode ficar mais bem compreendida pela utilização do conceito matemático de vetor aplicado a essas forças. É o que faremos logo abaixo para nos ajudar na argumentação.

58

3.3 Forças representadas por vetores

Consideramos que, ao se tratar de forças e do embate entre elas, seria interessante fazer uma análise tomando como princípio orientador a ideia matemática de vetores aplicada à física mecânica. É o que faremos nesta seção, enquanto analisamos as suas consequências teóricas.

Um vetor pode ser representado por um segmento de reta e apresenta módulo, que é o seu tamanho (comprimento), e orientação, que se interpreta como direção e sentido (HALLIDAY, 2016, p. 40). Um vetor representa, assim, uma grandeza vetorial. Uma dessas grandezas que, pensamos, pode ser

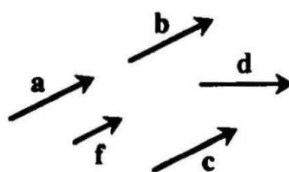
¹² « l'origine est la différence dans l'origine, la différence dans l'origine est la *hiérarchie*, c'est-à-dire, le rapport d'une force dominante à une force dominée, d'une volonté obéie à une volonté obéissante » (trad. nossa).

representada por vetores é a força nietzschiana de acordo com o que concluímos acima: força primitiva que se recombina com outras, formando resultantes. Esta força primitiva tem um *quantum*, representado pelo *módulo* – o tamanho do segmento da reta –, uma *direção* e um *sentido*. O *quantum* seria a força empregada no deslocamento.

3.3 A diferença das forças leva à ideia de hierarquia

Sobre a ideia de diferença, um vetor é considerado diferente de um outro se ele tiver distinto um dos elementos, ou seja, *módulo* – este, representado pelo comprimento da reta com a qual os vetores são desenhados –, *direção* ou *sentido*. A Figura 1 abaixo mostra vetores, onde $a = b$ (mesma *direção*, *sentido* e *módulo*); $|b| = |d|$ (mesmo *módulo*, mas *sentidos* diferentes; $a \neq f$ (*módulos* diferentes); $b = c$ (mesma *direção*, *sentido* e *módulo*):

Figura 1



Fonte: DURRANT, A.V., *Vectors in Physics and Engineering* (DURRANT, 1996, p.6)

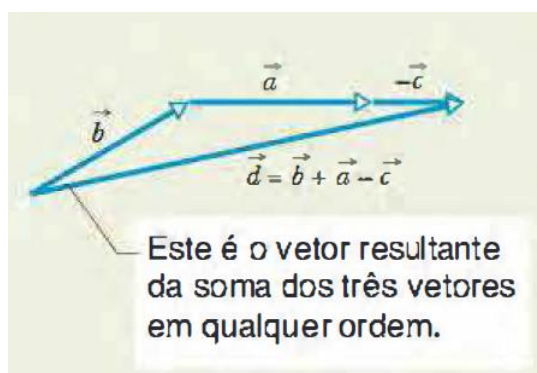
Tomando por base esse raciocínio vetorial, pode-se dizer que forças serão diferentes se tiverem *sentido*, *direção* ou *quantum* (*módulo*) diferentes entre si, e, assim, ao entrarem em choque, algumas estarão em desvantagem *relativa* em relação à sua oponente. Pode-se, então, pensar com Deleuze em uma *hierarquia* de forças, mas apenas quando estas estão em embate, e é dessa maneira que o filósofo francês enxerga a diferença entre as forças, como vamos demonstrando aqui. Em outras palavras, uma força não é fraca nem forte, nem ativa nem passiva, mas poderá ser classificada tanto de uma maneira como de outra, com todas as gradações possíveis, em seu embate com uma outra força, ou com outro conjunto de forças.

3.3 As forças compreendidas na origem absoluta ou relativa

Voltando à relevante ideia de origem, depois dessa breve explicação. Origem poderia ser entendida de duas formas: 1) origem como ponto zero absoluto: se em uma origem, digamos, em um ponto zero do desenrolar do Universo, as forças fossem todas iguais, no *módulo* – *quantum* –, na *direção* e no *sentido*, seria difícil imaginar que houvesse embate entre as forças. Por conseguinte, não haveria pluralidade e nem tampouco resultantes e, assim, não haveria objetos nem fenômenos: seria um mundo amorfo; 2) origem como ponto zero relativo: se, de maneira adversa, for tomado por origem um ponto qualquer no tempo para se analisar um determinado objeto, a análise se daria pelo estado atual do embate daquelas forças. Tendo tal ponto como ‘zero’, seria possível estudar a maneira pela qual tais forças se resolveram em resultantes a partir de então. Na tese de Nietzsche, no entanto, não teria havido esse ponto zero absoluto, pois o Universo sempre existiu. O ponto zero relativo estaria mais conforme às teses do filósofo alemão, pois o Universo é um constante embate de forças em todas *direções* e *sentidos*.

Na Figura 3 abaixo, está demonstrada a soma entre vetores, que, no nosso caso, poderia ser uma representação do embate ou da composição de forças, note-se a ideia de resultante assinalada como soma de três outros vetores:

Figura 3



Fonte: HALLIDAY, 2016, p.42.

Ainda tratando de vetores, é preciso ressaltar que os exemplos até aqui a respeito deles foram dados em 2 dimensões. A mesma ideia precisa ser pensada em 3 dimensões, para o espaço como conhecemos na vida cotidiana. Nesse espaço tridimensional, seria possível pensar no embate das forças com *quanta*, *sentidos* e *direções* diversos no Universo.

3.3 A hierarquia das forças a partir da diferença, segundo Deleuze

Estabelecida a representação das forças enquanto vetores, voltemos a Deleuze. O filósofo francês, continuando esse raciocínio, traz a seção §7 do *Humano, demasiadamente humano*, de Nietzsche, para apoiar a sua ideia de hierarquia: “supondo que nos seja permitido, a nós, espíritos livres, ver no problema da hierarquia o nosso problema” (NIETZSCHE, 2000, p. 7). Ou seja, quem diz ‘hierarquia’ diz diferença de algum tipo, esse parece ser o raciocínio deleuziano. Ora, a ideia de hierarquia é de que há inferiores e superiores, mais fracos e mais fortes, mais escravos e mais nobres. E o próprio Deleuze comenta que “a hierarquia é o fato originário, a identidade da diferença e da origem” (DELEUZE, 2005, p. 9)¹³. O raciocínio parece apontar para a identidade (digamos, a direção, sentido e *quantum* de uma determinada força) que nasce da diferença entre as forças, justamente porque o embate entre forças diferentes tem como resultante os objetos, as coisas, os fenômenos. E ele completa, para finalizar a seção, dizendo que “o valor de qualquer coisa é a *hierarquia* das forças que se exprimem na coisa enquanto fenômeno complexo” (DELEUZE, 2005, p. 9)¹⁴.

No entanto, é preciso observar que Deleuze, quando lê a seção mencionada acima do livro de Nietzsche, parece extrapolar ao âmbito cósmico a relação entre

¹³ « la hiérarchie est le fait originaire, l'identité de la différence et de l'origine » (trad. nossa).

¹⁴ « la valeur de quelque chose est la *hiérarchie* des forces qui s'expriment dans la chose en tant que phénomène complexe » (trad. nossa; o itálico é nosso para sublinhar a palavra “hierarquia” no contexto em que é dita, ou seja, da diferença das forças).

seres humanos que é ali mencionada. Sugerimos, todavia, que tal extrapolação é permitida, uma vez que todos os relacionamentos humanos também são resultantes do embate entre as forças. E essas resultantes são, da mesma forma, submetidas ao embate com outras forças. Então, para se concordar com essa extrapolação feita por Deleuze, é preciso pensar que, da mesma maneira que há fracos e fortes no contexto do embate no que tange às relações sociais entre os homens, também haveria fracos e fortes, é plausível concluir – considerando as indicações nesse sentido nos textos de Nietzsche – quando se trata de forças primitivas que constituem o Universo.

Essa argumentação de Deleuze aponta para o fato de que intuitivamente ele enxerga a necessidade de se adicionar algum tipo de diferença para que o Universo tenha objetos, coisas e fenômenos – que não seja um Universo amorfo, como dissemos acima – e, conseqüentemente, que haja um embate engendrador do mundo. Sem a diferença entre as forças, nada aconteceria, parece ser esse o raciocínio do filósofo francês. No entanto, é preciso perguntar quais seriam as diferenças cruciais entre as forças para a emergência da efetividade, das coisas e dos fenômenos.

62

3.3 A diferença das forças em Deleuze a partir do *quantum nietzschiano*

Neste ponto, voltamos ao tema do *quantum* em Nietzsche para integrá-lo à interpretação deleuziana das forças e tentar demonstrar que é a partir desse elemento que Deleuze deduz a ideia de diferença e de hierarquia entre as forças.

Retomamos aqui um *Fragmento póstumo* da primavera de 1888, onde Nietzsche faz referência ao *quantum*: “Um *quantum* de potência se define pelo efeito que produz e o efeito ao que resiste [...] é essencialmente uma **vontade de violação** e de se **defender das violações**” (NIETZSCHE, 2007, 14 [79] primavera de 1888, KSA 13.257 (itálicos do autor; grifos nossos).

Nesse trecho, Nietzsche parece encontrar na *vontade de potência* não somente a ação de uma força – “o efeito que produz” –, mas também a reação de

uma força a uma outra que age sobre ela – “o efeito ao que resiste” e “se defender das violações” –, dando a entender que as forças também podem ser compreendidas a partir da reação delas a outras forças. Sugerimos que essa passagem, então, poderia ser tomada em apoio à ideia de Deleuze de que as forças são ativas ou reativas em relação ao contexto no qual elas atuam e do embate que travam. É verdade que ‘agir’ e ‘reagir’ dizem respeito a um mesmo movimento, haja vista que força é ação. No *Fragmento póstumo* acima mencionado, é preciso que se diga que “violação” e “defesa das violações” são perspectivas, ou seja, devem ser enxergadas no contexto do embate, e não de maneira absoluta; caso contrário, cairíamos na noção de substancialidade e de essência. E é a partir desse raciocínio que Deleuze propõe a existência de forças ativas e forças reativas: é no contexto do embate que se dá essa diferença.

Nietzsche parece não ter deixado uma definição mais precisa quanto à natureza das forças e à *vontade de potência*. No entanto, ao considerar *quantum* de potência, como visto mais acima, ele parece sugerir a *diferença*, apropriada por Deleuze. Este, assim fazendo, parece ocupar o vácuo, utilizando a ideia de *diferença*, o que tornaria a teoria das forças mais plausível.

Aqui é preciso pesar essa caracterização da *diferença*, em Deleuze e em Nietzsche. Pois, se é verdade que Deleuze pensou que há um problema na teorização das forças, também é preciso indagar se Nietzsche queria mesmo incluir nelas essa diferença. A resposta de Deleuze a essa questão é sim, e que, apesar de Nietzsche ter deixado vazios na caracterização das forças, haveria evidências que poderiam ser interpretadas em favor da tese da *diferença*.

A explicação deleuziana é que a qualidade da força se assenta apenas na diferença de quantidade (*quantum*) de força: “as forças têm uma quantidade, mas elas têm também a qualidade que corresponde a sua diferença de quantidade: ativo e reativo são as qualidades das forças” (DELEUZE, 2005, p. 48)¹⁵.

¹⁵ « les forces ont une quantité, mais elles ont aussi la qualité qui correspond à leur différence de quantité: actif et réactif sont les qualité des forces » (trad. nossa).

Deleuze parece tentar escapar de um essencialismo quanto à caracterização das forças e, assim, reduz a questão da qualidade das forças à sua simples quantidade. A argumentação desenvolvida por Deleuze é que as forças têm diferentes *quanta* entre si. Deleuze afirma que uma força somente é reativa no jogo entre as forças, a partir de uma gradação de ‘atividade’ e ‘reatividade’ entre elas, dependendo do contexto do embate. Nesse sentido, é preciso considerar que uma força seria, assim, reativa em relação a uma outra, e não de maneira absoluta.

Sugerimos que Deleuze apresenta uma argumentação, da seguinte maneira:

- 1) no embate das forças, cada força tem um *quantum* diferente de uma outra;
- 2) esse *quantum* faz uma força ser diferente de uma outra;
- 3) então, o *quantum* deve ser “visto” como a qualidade da força.

3.3 Conclusão

À guisa de conclusão, é preciso destacar que qualquer igualdade no mundo seria aproximação, pois é impossível afirmar a igualdade de medidas de qualquer tipo. Ora, no ato de medir, há sempre; 1) incertezas, pois o próprio instrumento de medida possui Algarismos duvidosos e é construído a partir de outros instrumentos igualmente imprecisos; 2) e reducionismo – valores que estão em uma escala infinita são reduzidos a intervalos de valores. A ciência é a tentativa de fixar uma certa estabilidade ao mundo, nomeando entidades mutantes e instáveis, reduzindo intervalos de energia a números para com eles lidar mais facilmente. Assim, como poderiam duas entidades, dois objetos, dois fenômenos serem iguais se justamente eles são resultantes de forças, subjugados a um dinamismo em constante mutação?

A conclusão, portanto, seria pela diferença entre as forças que advém da diferença de *quantum* entre elas e a partir da impossibilidade da igualdade na efetividade. Desta conclusão pela diferença, damos o passo lógico da categoria de

qualidade, e, portanto, chegamos à categorização das forças entre ativas e reativas no contexto do embate, da maneira que propugna Deleuze. Assim, seria possível pensar que algumas forças seriam “agressivas” no contexto do embate e em relação a outras de quantum inferior.

Referências

- BAGGOTT, Jim. *The quantum story*, Oxford: Oxford University Press, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*, Paris : Presses Universitaires de France, 6^{ème} Édition 2005 (1962).
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1992 (1991).
- DELEUZE, Gilles. *Empirisme et subjectivité*. Paris : Presses universitaires de France, 3^{ème} édition, 1980 (1953).
- DELEUZE, Gilles. *L'île déserte et autres textes*, Paris : Les Éditions de Minuit, 2002.
- DURRANT, A.V. *Vectors in Physics and Engineering*, Florida: CRC Press, 1996.
- HALLIDAY, David. *Fundamentos de física, volume I: mecânica*, Rio de Janeiro: LTC, 2016.
- MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo, tese cosmológica ou imperativo ético?* in *Extravagâncias, ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, São Paulo, coleção Sendas e Veredas, 2009.
- NASSER, Eduardo. *Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- NIETZSCHE, Friederich. *Nietzsche, obras incompletas*. Coleção os pensadores, seleção de textos de Gérard Lebrun, São Paulo: Editora Abril, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992, 2^a edição.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiadamente humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 (1878, 1886).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos*. Madri: Ed. Tecnos, 2007, vols. I, II, III e IV.

Submissão: 30.06.2026 / Aceite: 17.07.2025